

Há muitas e muitas luas, um dólar eram 870 liras e eu era um homem de trinta e dois anos. Também o mundo era mais leve, dois mil milhões de almas mais leve, e o bar da *stazione* a que eu chegara nessa fria noite de dezembro estava vazio. Fiquei ali parado, à espera da única pessoa que conhecia na cidade. Ela chegou bastante atrasada.

Todos os viajantes conhecem estes apuros: este misto de fadiga e de apreensão. E o momento de examinar rostos e horários, de perscrutar as varizes do mármore debaixo dos pés, de inalar o cheiro a amoníaco e o vago odor que nas noites frias de inverno emana do ferro fundido das locomotivas. Eu fiz tudo isto.

À exceção do *barman* ensonado e da *matrona* imóvel como um buda atrás da caixa registadora, não se via ninguém. Nem um nem a outra me podiam valer, porém, como eu não podia valer a nenhum dos dois: a minha única moeda na língua deles, o termo «*espresso*», já estava gasta; usara-a duas vezes. Comprara-lhes

também o meu primeiríssimo maço daquilo que em anos vindouros traduziria por «*Merde Statale*», «*Movimento Sociale*» e «*Morte Sicura*»: o meu primeiro maço de *MS*. Por isso peguei nas malas e saí à rua.

No caso improvável de alguém ter seguido com os olhos a minha gabardina branca *London Fog* e o meu *Borsalino* castanho-escuro, a silhueta não lhe deve ter causado qualquer estranheza. Estou certo de que a própria noite não teria tido dificuldade em a absorver. O mimetismo ocupa, julgo eu, um lugar importante na lista de prioridades de todos os viajantes, e a Itália que eu trazia então no espírito era uma fusão dos filmes a preto-e-branco dos anos cinquenta e do meio de expressão, também monocromático, do meu ofício. O inverno era, pois, a minha estação; a única coisa que me faltava, pensei, para parecer um bandido ou *carbonaro* das redondezas era um lenço de pescoço. Tirando isso, sentia-me capaz de passar despercebido, de me confundir com o cenário ou de me enquadrar no enredo de um desses policiais de orçamento modesto — um policial ou, melhor ainda, um melodrama.

Era uma noite ventosa, e ainda a minha retina não registara o que quer que fosse quando me acometeu uma sensação de absoluta felicidade: atingiu-me as narinas aquilo que sempre foi para mim o seu sinónimo, o cheiro a algas geladas. Para algumas pessoas, é a erva

ou o feno acabado de ceifar; para outras, os perfumes natalícios das agulhas de conífera e das tangerinas. Para mim são as algas geladas — em parte devido às ressonâncias onomatopaicas da própria conjunção (em russo, as algas são um magnífico *vodorosli*), em parte por causa da ligeira incongruência e do oculto drama subaquático que essa ideia alberga. Há elementos em que nos reconhecemos; quando inalei aquele cheiro nos degraus da *stazione*, os dramas ocultos e as incongruências já eram havia muito o meu forte.

A atração por esse cheiro deveria sem dúvida atribuir-se a uma infância passada nas margens do Báltico, pátria da sereia errante do poema de Montale. E, todavia, eu tinha as minhas dúvidas quanto a essa atribuição. Para começar, a infância não foi tão feliz como isso (as infâncias raramente o são, sendo antes uma escola de insegurança e desamor-próprio); e quanto ao Báltico, para escapar à parte que dele me cabe, só mesmo se eu fosse uma enguia. De qualquer maneira, essa infância pouco tinha que a habilitasse a objeto de nostalgia. Sempre senti que a origem da atração estava alhures, para lá das fronteiras da biografia, para lá da conformação genética de cada um — algures no nosso hipotálamo, que conserva as impressões dos nossos antepassados cordados sobre o seu domínio nativo — a recordação, por exemplo, do próprio *ichthus* que originou esta civilização. Se ele foi ou não um *ichthus* feliz, isso já é outra história.

*

Um cheiro é, afinal de contas, uma violação do equilíbrio do oxigénio, invadido por outros elementos — metano? carbono? enxofre? azoto? Consoante a intensidade da invasão, temos um aroma, um cheiro, um fedor. É uma questão de moléculas, e a felicidade será, julgo eu, o momento em que captamos, vogando livres, os elementos da nossa própria composição. Havia ali uma quantidade dos meus, num estado de absoluta liberdade, e senti que mergulhara no meu próprio autorretrato, traçado no ar frio da noite.

O pano de fundo era todo em silhuetas sombrias de cúpulas de igreja e telhados; uma ponte arqueada sobre a curva negra de um corpo de água, a que o infinito decepara as extremidades. À noite o infinito, em terras estranhas, começa no último candeeiro, e aqui estava a vinte metros de distância. Reinava um grande sossego. Alguns barcos mal iluminados rondavam de vez em quando por ali, perturbando com os motores o reflexo de um grande CINZANO de néon que procurava firmar-se no oleado negro da tona de água. Muito antes de conseguir os seus intentos, já o silêncio se restabelecera.

A sensação era a de quem chega à província, a uma terreola desconhecida, insignificante — a nossa terra natal, por exemplo — após uma ausência de anos. Esta

impressão devia-se em boa parte ao meu próprio anonimato, à incongruência de uma figura solitária nos degraus da *stazione*: um alvo fácil para o esquecimento. Além disso, era uma noite de inverno. E lembrei-me do primeiro verso de um dos poemas de Umberto Saba que traduzira havia muito tempo, numa outra encarnação, para russo: «Nas profundezas do agreste Adriático...» Nas profundezas, pensei, nas brenhas, num recanto perdido do agreste Adriático... Tivesse eu simplesmente virado a cabeça, e teria visto a *stazione* em todo o seu esplendor retangular de néon e urbanidade, teria visto as maiúsculas a dizer VENEZIA. Não o fiz, porém. O céu estava cheio de estrelas de inverno, como tantas vezes sucede na província. A qualquer instante, dir-se-ia, poderia ouvir-se um cão ladrar ao longe, ou cantar um galo. De olhos fechados, vi um cacho de algas geladas esparramadas numa rocha húmida, talvez coberta de gelo, algures no universo, sem que eu soubesse onde. Eu era essa rocha, e a palma da minha mão esquerda era esse cacho de algas esparramadas. Pouco depois um barco grande e chato, uma espécie de cruzamento entre lata de sardinhas e sanduíche, surgiu do nada e embateu com um baque surdo no cais da *stazione*. Um punhado de gente desembarcou a custo e passou por mim a correr, subindo a escada e entrando no terminal. Vi então a única pessoa que conhecia na cidade; foi uma visão fabulosa.

*